

PATRICIA REGINA INFANGER CAMPOS RA 940100



1290000240



TCC/UNICAMP C157p

**PRODUÇÃO DA MEMÓRIA LOCAL NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL:
UM POSSÍVEL CAMINHO PARA
A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

CAMPINAS, 1998

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

PATRÍCIA REGINA INFANGER CAMPOS

**Produção da Memória Local nas Séries
Iniciais do Ensino Fundamental: um Possível
Caminho para a Construção da Cidadania**

**Trabalho de Conclusão
de Curso apresentado como
exigência parcial para o curso de
Pedagogia com habilitação em
Administração Escolar da
Faculdade de Educação,
UNICAMP, sob a orientação da
Profª. Olga von Simson**

**Campinas, São Paulo
1998.**

UNIDADE:	FE.....
Nº CHAMADA:	TEC/UNICAMP.....
	C157p.....
V:
TOMBO:	240.....
PROC:	124/03.....
C:
PREÇO:	R\$ 11,00.....
DATA:	06/11/03.....
Nº CPD:	mlad.31 0633.....

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

C157p

Campos, Patrícia Regina Infanger.

Produção da memória local nas séries iniciais do ensino fundamental : um possível caminho para a construção da cidadania / Patrícia Regina Infanger Campos. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

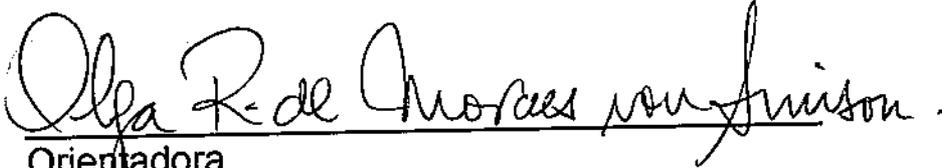
1. Escola - História. 2. Campinas (São Paulo) - História.
3. História - Estudo e ensino. 4. Memória local*. 5.
Cidadania. I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Data de Aprovação: 1º/07/1998

Orientadora: Olga Rodrigues de Moraes von Simson
(FE – UNICAMP)

Segunda leitora: Prof^ª. Dra. Ana Maria Rodrigues Ribeiro
(HIS – ICHS - UFMT)


Orientadora

Segunda leitora

- Os homens do teu planeta, disse o príncipezinho,
cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim...
e não encontram o que procuram...
- Não encontram, respondi...
- E no entanto o que eles buscam
poderia ser achado numa só rosa,
ou num pouquinho d'água...
(Antoine de Saint-Exupéry)

Quem sabe que o tempo está fugindo
descobre, subitamente, a beleza única do momento
que nunca mais será...
(Rubem Azevedo Alves)



MUSEU DO LAGO DO CAFÉ - 1998.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 – PROPOSTA DE TRABALHO	09
1.1 – História da Pesquisa	09
1.2 – Proposta de atuação	15
2 – ETAPAS DA PROPOSTA DE TRABALHO REALIZADA	19
2.1 – Parte I: A infância da criança e a comparação com a infância dos pais	19
2.2 – Parte II: A organização do dia a dia da criança	22
2.3 – Parte III: A vida da criança na escola	23
2.4 – Parte IV: As regras de funcionamento da escola	33
2.5 – Parte V: Conhecendo o quarteirão da escola	36
2.6 – Parte VI: Conhecendo o bairro da escola e a sua história	44
2.7 – Parte VII: Conhecendo um bairro vizinho da escola e a sua história	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
ANEXOS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
1 – Obras Citadas	67
2 – Obras consultadas	70

INTRODUÇÃO

Era uma vez um menino muito curioso e observador. Ele passava horas observando o mesmo lugar, até que conseguia o que queria: encontrar uma teia de aranha em baixo do sofá, um furinho na parede quase impossível de ser visto, aquela foto de quando o seu avô era criança e subia nas árvores... e tudo quanto sua imaginação permitisse.

Um dia esse menino saiu para passear com seu pai. Ele queria ir – e foi – naquela praça do centro da cidade em que há muitas palmeiras e árvores grandes.

Durante o passeio seu pai encontrou um amigo antigo e eles conversavam enquanto o menino observava as árvores, o jardim, o coreto.

O coreto! Puxa, como ele era diferente! O menino tinha passado várias vezes por ali e nunca se dera conta de que aquele coreto era daquele jeito todo especial. Ele tinha formas e contornos difíceis de serem encontrados nas casas de hoje em dia.

Mas a diferença não acabava ali... as árvores tinham pedaços de seus troncos apodrecidos, com algumas partes de cimento...

Puxa! O menino começou a viajar naquele mundo tão visível e pouco percebido.

Até que seu pai apareceu e chamou-o para irem embora.

O tempo tinha passado enquanto ele esteve ali observando... A curiosidade era tão grande que o menino não se conteve e contou ao seu pai sobre tudo aquilo que estivera pensando enquanto ele conversava com aquele amigo. E, então, eles tiveram uma longa conversa...

Geralmente vive-se grande parte da vida em um lugar sem conhecer sua história; e conseqüentemente, sem ter acesso a informações e respostas a respeito de como este lugar se iniciou, quais pessoas nele habitavam, quais as transformações sofridas ao longo do tempo que o levaram a ser como hoje é.

De fato, ao se deparar com a realidade atual, tem-se a impressão de estaticidade e imobilidade, como se o que existe hoje sempre tivesse sido dessa maneira.

No entanto, isto não deve passar de uma impressão, pois, um olhar mais cuidadoso perceberia a existência de casarões, esculturas, monumentos antigos. Monumentos que sobreviveram ao longo dos anos e que mostram outras maneiras de vivenciar a cidade, mesmo sendo encoberto por aspectos do espaço transformado que hoje nos cerca.

Desta forma, torna-se difícil negar a existência de um tempo passado no presente! E o interesse por ele é muito grande. A necessidade de buscar as raízes, de possuir esclarecimentos de fatos acontecidos no passado é intensa.

Devido esta recente percepção de importância da história na vida do ser humano, este trabalho tem como propósito resgatar as memórias locais, através da construção e desenvolvimento da noção de tempo pelas crianças, conscientizando-as do seu papel de agente produtor e transformador da história.

Isto ocorre através do envolvimento dos alunos de segunda série de uma escola particular de Campinas, situada no bairro Chácara Primavera, na investigação da história da cidade; partindo, primeiramente, da história da escola, seguida daquela do seu bairro, para atingir a história do bairro Taquaral (bairro mais antigo e próximo da escola), através do resgate histórico do Lago do Café. Resgatando fatos e acontecimentos desde a fundação da cidade (cuja data oficial é 1774); e tendo acesso a documentos e obras que evidenciam aquela realidade, através de pesquisa bibliográfica e arquivos. Isso, para que as crianças passem a ter uma visão mais concreta da maneira como o conhecimento histórico é elaborado.

1 - PROPOSTA DE TRABALHO

1.1 – História da Pesquisa

Tempo...

Tempo atual, tempo antigo, tempo que rege o mundo, a vida.

O tempo também transformou este projeto! Dois anos de envolvimento com a história de Campinas, mostraram que nada permanece intacto a ele.

A princípio, a intenção era resgatar a história de Campinas nas séries iniciais do ensino fundamental. O interesse pelo tema surgiu através da necessidade de se trabalhar com a história da cidade Campinas, conteúdo presente no currículo escolar do ensino fundamental – na 2ª série, na qual trabalhava - e também por pouco dominar o assunto.

O levantamento bibliográfico mostrou por um lado, que muito havia sobre a história da cidade, no entanto, por outro, apenas um livro, voltado diretamente para o ensino da história de Campinas, foi encontrado. Tratava-se de um livro didático intitulado *Campinas, nosso município*, de Geraldo Francisco de Sales e Marlene Ordoñez, cujo ano de edição não é conhecido.

Analisando o livro ficou claro que os textos nele presentes, além de serem curtos e trazerem poucas informações, eram escritos de forma impessoal e pouco instigantes, não permitindo qualquer questionamento ou posicionamento por parte do aluno.

Os assuntos eram abordados de maneira simplificada e sem haver um elo de ligação entre um e outro. Como exemplo, pode ser citado capítulo 5 intitulado *Campinas tem orientação*, que apresentava textos sobre a localização através dos pontos cardeais, do Sol, das estrelas, da bússola; orientações que podem ser seguidas em qualquer parte do mundo e não exclusivamente em Campinas. Além deste capítulo não ser somente sobre o

município, o capítulo 6 *O relevo e as águas da superfície*, não estabelece nenhuma relação com o tema apresentado no capítulo anterior.

Estes exemplos demonstram como os assuntos são abordados neste livro didático e como não há espaço para a participação do aluno.

Isto não é condizente com a postura defendida neste trabalho: a de que o aluno participe do processo de construção e de assimilação dos conhecimentos de maneira significativa e instigante para ele, pois "a informação pronta e acabada faz do aluno um ser passivo em relação ao saber"¹

O ser humano é um ser ativo! Sua vida é cheia de novas descobertas. A psicologia cognitiva, como destacam Piaget e Vygotsky, valoriza acima de tudo o pensar e o raciocinar do indivíduo considerando suas experiências. O aluno é encarado como um sujeito ativo, que pensa e é capaz de construir conhecimentos e conhecer a realidade na qual está inserido.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados pelas Secretarias de Educação Fundamental, em vigor a partir deste ano, 1998, também defendem esta posição. Eles "constituem um referencial de qualidade para a educação no ensino Fundamental em todo o País"²

Os PCNs foram elaborados para orientar e garantir os investimentos em educação, proporcionando discussões, e subsidiando os professores brasileiros, estabelecendo uma meta educacional para a qual devem convergir todas as ações políticas do Ministério da Educação e do Desporto, tais como os projetos ligados à sua competência. Sua função é

subsidiar a elaboração ou revisão curricular dos estados e Municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna das

¹ PROPOSTA CURRICULAR PARA O ENSINO DE HISTÓRIA - PRIMEIRO GRAU. São Paulo, SE/CENP, 1992.

² PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997. p.13.

escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores.³

De acordo com a nova Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei Federal 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, a educação deve proporcionar a todos a formação básica para a cidadania, e assegurar " a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores".⁴ Isso através da criação de condições de aprendizagem para:

- I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem , tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de intolerância recíproca em que se assenta a vida social" (art. 32).⁵

Condições estas, que defendem a participação construtivista do aluno e a intervenção do professor e no processo de aprendizagem.

A proposta para o ensino de História contida no PCN, relata que um dos objetivos fundamentais para esta área é a constituição da noção de identidade por parte do aluno, estabelecendo relações no âmbito individual e coletivo, proporcionando a reflexão sobre a atuação do indivíduo na sociedade.

A proposta privilegia a "leitura de tempos diferentes no tempo presente, em um determinado espaço, e a leitura desse mesmo espaço em

³ *Id., ibid.*, p.36.

⁴ *Id., ibid.*, p.15.

⁵ *Id., ibid.*, p. 16.

tempos passados" ⁶, para a 1ª e 2ª séries. Nestes séries, a preferência é dada aos trabalhos com fontes orais e iconográficas, desenvolvendo, a partir delas, trabalhos com a linguagem escrita.

É esperado, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que no final do primeiro ciclo (2ª série), os alunos sejam capazes de:

- Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posteridade, e simultaneidade;
- reconhecer algumas semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais, de dimensão cotidiana, existentes no seu grupo de convívio escolar e na sua localidade;
- reconhecer algumas permanências e transformações sociais, econômicas e culturais nas vivências cotidianas da famílias, da escola e da coletividade, no tempo, no mesmo espaço de convivência;
- caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena, que vive ou viveu na região, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas e religiosas;
- identificar diferenças culturais entre o modo de vida de sua localidade e o da comunidade indígena estudada;
- estabelecer relações entre o presente e o passado;
- identificar alguns documentos históricos de informações discernindo algumas de suas funções.⁷

Considerando as teorias sócio-interacionistas e as idéias presentes nas Propostas Pedagógicas para o Ensino de História do Primeiro Grau de 1986 e 1992, e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, torna-se de difícil a compreensão a utilização do uso do livro didático como único e exclusivo material pedagógico de apoio para o professor do ensino fundamental, no desenvolvimento do trabalho diário na sala de aula, pois a participação efetiva do aluno no processo de construção dos conhecimentos é cada vez mais essencial.

⁶ PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: história, geografia/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF. 1997. p. 44.

⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 50s.

Thompson, E. (1981), ao expor seus pensamentos, descreve a lógica histórica e através dela, nega a existência das "verdades absolutas", pois o objeto de análise da história se transforma, e está em constante movimento. O sujeito, segundo ele, é um agente histórico.

É certo de que este autor mesmo sendo um historiador e não um pedagogo especialista em educação, colabora com seus conhecimentos para esta área. Então também poderíamos dizer que livro didático aqui examinado não auxilia o aluno na construção de seus conhecimentos, e que ele, estudando com um livro deste tipo, também não estará sendo, ou agindo como, um sujeito histórico.

Partindo das idéias aqui expostas e devido ao fato de muito pouco existir na área de ensino da história de Campinas, surgiu a necessidade de ir em busca de outras maneiras de ensinar a história que fossem coerentes com o fato de que o aluno é um ser pensante e ativo no processo ensino-aprendizagem, e que por assim ser, é um sujeito transformador e histórico.

Se aqui ficou claro que a maioria dos livros didáticos não permitem participação do aluno no processo de aprendizagem, então, o que fazer?

A resposta encontrada, foi a elaboração de um projeto de resgate da memória local no qual a participação dos alunos fosse fundamental para sua implementação.

A necessidade de envolver os alunos no processo de estudo da história, foi considerada importante em todas as etapas deste trabalho. Mas muita coisa mudou e foi se definindo ao longo da pesquisa. Foram reformulados tanto os objetivos, como a metodologia de trabalho, e buscou-se uma outra orientadora.

A princípio, a orientadora era Maria Carolina Galzerani. Professora que orientou a metodologia para o levantamento bibliográfico, a leitura e possíveis discussões a respeito de obras (teses, artigos de jornais atuais, jornais de época, livros recentes, propostas curriculares) relacionadas com o tema: história de Campinas e o ensino de história.

É possível dizer que nesta fase inicial, a pesquisa esteve voltada para o estudo teórico para posteriormente, ser efetivada na prática.

No entanto, por razões alheias às vontades da pesquisadora, houve a necessidade da mudança de orientador; que passou a ser Olga von Simson. Nesta etapa, a pesquisa foi se tornando mais empírica e os objetivos foram se recortando de maneira mais nítida.

Da inicial necessidade de estudar a história de Campinas, o objetivo tornou-se o de conscientizar os alunos das constantes transformações ocorridas ao longo do tempo, e como eles, sendo agentes históricos, também têm seu papel nessa transformação, contínua e infundável.

Neste sentido, estudar a história da cidade de Campinas ou a história do bairro da escola ou do bairro do aluno, foi apenas o meio pelo qual se efetivou a conscientização, por parte dele, das constantes transformações ocorridas ao seu redor ao longo do tempo, e quão importante é partir de aspectos do passado para compreender o presente. Nesse processo, o aluno assume, conscientemente, o papel de agente construtor de uma interpretação do fenômeno histórico como cidadão que é.

O trabalho realizado com as crianças de segunda série foi baseado na experiência relatada no livro: *Memória, Cultura e cidadania: tecendo o cotidiano de pré-escolas de Itupeva* (PARK, 1996) que apresenta um resgate histórico da cidade com crianças das pré-escolas municipais e no relatório de pesquisa do Projeto "Persistências e Mudanças do Viver Urbano Campineiro: Cambuí e Vila Industrial", que teve como um de seus vários produtos a elaboração de uma espécie de manual orientador de pesquisa de memória local intitulado *Memória e Identidade Sócio-cultural: o bairro como fonte de pesquisa para o ensino de história local* (Relatório CNPQ, 1997, ainda não publicado).

1.2 – Proposta de atuação.

Este trabalho foi realizado em uma classe de 2ª série de uma escola privada de Campinas, situada no bairro Chácara Primavera, que atende famílias de classe média.

As crianças que estiveram envolvidas com o trabalho têm idades entre 8 e 9 anos, e, de acordo com a teoria de Jean Piaget, se encontram no período das operações concretas

Nesse estágio de desenvolvimento, as operações mentais da criança ocorrem em resposta a objetos e situações reais. Ela usa a lógica e o raciocínio de modo elementar, pois consegue pensar de maneira abstrata mas, somente consegue explicar seus pensamentos de maneira concreta, recorrendo a objetos e à realidade e não as hipóteses enunciadas verbalmente.

Em se tratando de pensamento abstrato, a criança consegue:

- estabelecer corretamente a relação de causa e efeito e de meio e fim;
- sequenciar idéias ou eventos;
- trabalhar como idéias sob dois pontos de vista simultaneamente;
- formar conceito de número.
- aprimorar a inclusão de classes e começa a ordenar elementos segundo as grandezas crescentes e decrescentes (maior, menor, direita, esquerda, mais alto...).

Nesta fase, as noções de tempo e espaço são voltadas diretamente para o aqui e o agora, ou seja, voltadas para o tempo presente. A criança julga as noções de tempo sem considerar a variante velocidade.⁸

⁸ De acordo com Aracy do Rego Antunes, "na faixa dos 7 aos 12 anos – idade em que se encontram os alunos de 2ª série – observa-se que a criança compreende melhor o que é vivo e atual. ... a noção de tempo mais lógica e perceptível para a criança é a ordem direta, ou seja, a ordem que vai do início para o fim, do passado para o presente. (ANTUNES, Aracy do Rego. *Estudos Sociais: Teoria e*

Segundo Piaget,

o desenvolvimento das noções de tempo durante a evolução mental da criança levanta problemas curiosos, em conexão com as perguntas colocadas pela ciência mais moderna. Consta-se na primeira infância que: 1º - os menores não têm intuição da simultaneidade dos pontos de chegada, pois não compreendem a existência de um tempo comum de dois movimentos; 2º - eles não têm a intuição da igualdade dos dois intervalos sincrônicos, e isto pela mesma razão; 3º - eles não relacionam os intervalos e as sucessões. Os intervalos de tempo serão colocados em ordem de sucessão de um lado, e simultaneidade das durações concebidas como intervalos entre estes acontecimentos, ficando dois sistemas, então, coerentes, já ligados entre si.⁹

Considerando esses pensamentos e a evolução do conceito de tempo pela criança neste período das operações concretas, este trabalho iniciou seu resgate histórico partindo do tempo próximo e real da criança, se distanciando aos poucos da sua realidade caminhando para um tempo mais distante e abstrato.

Na segunda série, as noções de espaço e tempo são ampliadas, tornando-se mais distantes do presente e mais abstratas para a criança. Isto torna-se possível através dos conteúdos que compõem a grade curricular da série, na área de Estudos Sociais, na qual este trabalho foi desenvolvido.

A área de Estudos Sociais engloba as disciplinas de História e Geografia, que, de maneira geral, relacionam-se diretamente com o desenvolvimento dos conceitos de espaço e tempo, e suas relações. O objetivo maior desta área é proporcionar à criança o conhecimento do que é viver em sociedade, e das dimensões espaciais e temporais deste fato.

As noções de espaço e tempo são ampliadas gradativamente durante o ano letivo da segunda série, partindo da realidade em que a

Prática / Aracy do Rego Antunes, Heloisa Fesch Menandro, Tomoko Iyda Paganelli – Rio de Janeiro ACCESS Editora, 1993 – p. 109.

⁹ Piaget, Jean. *A noção de tempo na criança*. Tradução de Rubens Fuiza. Rio de Janeiro. Record, s/d. p. 50.

criança vive, ou seja, do seu tempo e espaço local, para o tempo e o espaço distantes dela, a fim de que perceba as diferenças existentes entre uma época e outra, um espaço que é organizado de determinada forma e outro, podendo localizar-se e orientar-se de maneira mais consciente.

Este trabalho é muito importante, pois auxilia o aluno na compreensão de que o tempo é contínuo, e que as transformações espaciais ocorrem de acordo com as necessidades do homem, que é um agente histórico e transformador.

Compõem a grade curricular de Estudos Sociais os seguintes conteúdos:

- Orientação espacial na escola: representação dos espaços, funções, relações entre eles;
- Pontos Cardeais;
- Orientação temporal: noções de seqüência, cronologia, diferenciação dos períodos do dia (manhã, tarde e noite), ontem, hoje, amanhã;
- Bairros: localização e limites, características e história;
- Zonas urbana e rural: localização e limites, características, diferenças e semelhanças, interdependência;
- Município: história, personagens que o representam, características geográficas, localização dentro do estado e do país.

OBJETIVOS DA ÁREA DE ESTUDOS SOCIAIS:

I - Geral:

Proporcionar ao aluno o conhecimento de si mesmo como um ser social que se relaciona no espaço e no tempo com outras pessoas. Nesta proposta, o estudo da família, da escola, da cidade e da própria criança são ferramentas que o professor dispõe para um trabalho teórico-metodológico que tem como objetivo auxiliar o aluno a pensar reflexivamente.

II - Específicos:

- Construção da noção de espaço pela criança, através da ação e interação em seu meio (escola-casa) para que tenha uma visão consciente do seu espaço social;
- Desenvolver as relações topológicas de: vizinhança, separação, ordem, continuidade, interior, exterior, limite;
- Desenvolver a capacidade de: observar, comparar e localizar;
- Perceber diferenças e semelhanças entre as funções dos espaços;
- Definir o conceito de trabalho;
- Estabelecer relações entre as características históricas, econômicas, políticas, culturais em uma cidade grande como Campinas;
- Definir o conceito e caracterizar zona rural e urbana.

Considerando a grade curricular da segunda série e de acordo com seus objetivos, esse trabalho foi desenvolvido com a constante preocupação de partir das noções de tempo e espaço presentes da crianças caminhando para noções gradativamente mais distantes dela.

O trabalho foi desenvolvido em etapas diferentes. Cada uma voltada para um objetivo específico e seguindo uma seqüência de acontecimentos.

2 - ETAPAS DA PROPOSTA DE TRABALHO REALIZADA.

2.1 - PARTE I.: A infância da criança e a comparação com a infância dos pais.

Como o trabalho diz respeito ao tempo, iniciou-se com um trava-língua muito conhecido do folclore brasileiro a respeito do tempo:

O tempo perguntou pro tempo:

Quanto tempo o tempo tem?

O tempo respondeu pro tempo:

O tempo tem tanto tempo,

Quanto tempo o tempo tem!

A primeira leitura foi feita em voz audível pela professora e então as crianças perceberam que já o conheciam. Elas leram, releeram e se divertiram tentando decorá-lo e recitá-lo com velocidade cada vez maior.

Em seguida, partimos para o tempo na vida da criança, mais precisamente, o tempo de diversão da infância. Conversamos a respeito do que gostavam de brincar e quais eram os brinquedos e brincadeiras preferidos.

Depois de muita conversa e lembranças das brincadeiras, cada criança desenhou os brinquedos de que mais gostava. e, em casa, fizeram a mesma pergunta aos pais; que também conversaram e contaram sobre as lembranças de infância. Os brinquedos preferidos pelos pais foram registrados, através de desenhos, por eles e não pelas crianças. Afinal, cada pessoa, seja ela criança ou adulto, teve a oportunidade de lembrar, se divertir e poder contar por si próprio.

Além de perguntarem sobre os brinquedos, as crianças perguntaram também sobre a liberdade que os pais tinham na infância, isto é, sobre o que eles tinham vontade de fazer quando tinham a mesma idade das

crianças e não podiam. Esse resgate proporcionou às crianças a percepção de que a liberdade assumiu novos rumos comparado à infância dos pais: se, por um lado, as crianças de hoje têm maior liberdade para escolher o brinquedos no momento da compra, para escolher com ou do que deseja brincar em determinados momentos, por outro lado, esta liberdade está restrita ao interior da casa, ou nos arredores dela. O espaço para as brincadeiras é consideravelmente menor. A falta de segurança faz com que os pais deixem as crianças dentro de casa na maior parte do tempo, e permitem que ela saia somente quando estão acompanhadas de adultos. Certamente, na infância dos pais, o espaço para as brincadeiras, a era bem maior. Talvez seja esta uma das razões pelas quais as crianças deixaram de participar das "brincadeiras de rua", e se envolvem cada vez mais com brinquedos eletrônicos, que exigem pouco espaço.

Em classe, todas as crianças apresentaram os desenhos de seus brinquedos e os de seus pais. Foi comparando os brinquedos da infância das crianças com os brinquedos da infância dos pais, que elas perceberam que com o passar do tempo muita coisa mudou!

Antigamente – quer dizer, na infância dos pais – a maioria dos brinquedos era feita de madeira e à mão, sendo que atualmente, a maioria dos brinquedos é eletrônica, industrializada e cada vez com mais tecnologia embutida, o que retira das crianças suas possibilidades de criar brincando.

Em roda, lemos o livro "A boneca de pano", de Rubem Alves, que conta a história de duas meninas que queriam ganhar de presente de Natal, as bonecas mais lindas do mundo. No entanto, havia uma grande diferença entre elas: enquanto para uma a boneca mais linda do mundo era a Barbie, toda de plástico e dura, para a outra, a boneca mais linda seria a de pano, pois era gostosa de se abraçar.

A leitura desse livro serviu como ilustração das diferenças existentes entre os brinquedos e também das diferenças que as crianças encontraram ao comparar os brinquedos de infâncias em diferentes épocas.

O resgate à infância e aos brinquedos dos pais não se restringiu somente a questionamentos e leituras. Nas aulas de Artes as crianças participaram do Projeto Brinquedo e tiveram a oportunidade de criar os seus próprios brinquedos, utilizando diferentes materiais: sucata – embalagens plásticas e de papelão, papéis de diferentes texturas e características, botões – madeira e muitos retalhos.

O envolvimento das crianças com esta atividade lúdica foi intenso e prazeroso. A satisfação ao mostrar o brinquedo feito por elas era muito grande e gostosa de observar. Elas puderam por si mesmas, sentir as diferentes sensações de brincar com um brinquedo industrializado e um brinquedo feito à mão, com exclusividade e criatividade próprias.

Tendo percebido algumas transformações da infância dos pais para a infância das crianças, o próximo passo foi centrar na infância da própria criança – fase em que ainda vive – através do registro da vida de cada uma em uma linha do tempo, desde o nascimento, até a idade atual. Esta atividade permitiu que as crianças se conscientizassem do o espaço de tempo que já viveu até o momento, visualizando os anos que se passaram e o ano em que sua vida se iniciou.

2.2 - PARTE II: A organização do dia-a-dia da criança.

A segunda etapa do trabalho preocupou-se com a organização do tempo pela criança, isto é, como cada criança aproveita e ocupa o seu tempo diário.

Cada criança desenhou a sua rotina diária, mostrando o que faz sozinha de manhã, à tarde, à noite, e o que faz juntamente com a família ao longo dessa rotina.

Algumas crianças foram bem detalhistas, desenhando toda seqüência de acontecimentos desde o levantar, ir ao banheiro, tomar café, fazer a tarefa, fazer a atividade extra – algumas nadam, jogam futebol – até o almoçar e se preparar para a escola.

Outras, apenas desenharam o que mais acharam importante: o acordar, ou o fazer a tarefa, ou o brincar.

No período da tarde, todas as crianças desenharam a escola. No entanto, abordaram a escola de forma diferente: enquanto algumas desenharam o intervalo e suas brincadeiras, outras desenharam a sala de aula com livros, cadernos e lápis.

No período da noite, a maioria desenhou o jantar e o descansar. Aquelas crianças que fazem as tarefas nesse período, desenharam essa atividade.

A maioria das crianças desenhou as situações de refeição, de brincadeiras e de passeios que fazem juntamente com os pais.

Essa etapa foi importante porque a partir dela foi possível conhecer um pouco mais sobre a organização do tempo vivido fora da escola pela criança e o relacionamento dos pais com as crianças, escola, as tarefas, assim como as brincadeiras, enfim, a participação dos pais no cotidiano infantil.

2.3 - PARTE III: A vida da criança na escola.

A terceira etapa deslocou-se da vida da criança em casa para a vida da criança na escola. Tendo início na observação das mudanças ocorridas na escola no período de dezembro de 1997 a fevereiro de 1998, época de férias e retorno às aulas.

As crianças saíram a passeio pela escola, observando o que havia mudado e escolhendo algum dos lugares para desenhá-lo. Deveriam desenhar como o lugar estava na atualidade e como era antes de terem saído para as férias.

Algumas crianças desenharam as mudanças nos jardins da escola: foram feitos caminhos de madeira, plantadas novas flores ornamentais, e as árvores antigas, que ficavam nas passagens, ganharam um contorno de cimento que serviu como banco. Mas a grande maioria das crianças desenhou as mudanças ocorridas com os brinquedos: a piscina antiga fora coberta com terra e ganhou o jipe dos Flinkstones para enfeitá-la, a casinha de bonecas de madeira fora transformada em uma casinha de tijolos com janelas, cortinas e cantoneiras...

Tendo percebido as mudanças ocorridas na escola num curto espaço de tempo, o próximo passo foi ampliar o período de tempo e resgatar outras transformações.

O objetivo naquele momento, era resgatar na memória algum lugar ou alguma coisa que existia na escola desde que nela entraram e que na atualidade não existe mais. As crianças conversaram, trocaram lembranças e logo foram surgindo no papel várias transformações que o passar do tempo causou nas instalações escolares.

O resgate a partir de um tempo um pouco mais distante foi muito prazeroso para as crianças que contavam suas lembranças envolvidas com o que desenhavam todos tinham algo para contar e rir.

As observações e os desenhos mostraram que a escola mudou bastante desde que as crianças entraram nela. No entanto, somente as

lembranças das crianças não era suficiente para construir a história da escola, desde sua fundação.

Para superar esse impasse, o recurso utilizado foi a entrevista. Em classe, conversamos sobre quais pessoas deveríamos entrevistar e quais perguntas deveríamos fazer para atingir o nosso objetivo. Era fundamental que as crianças estivessem atentas aos objetivos da entrevistas, pois se não estivessem, poderiam sugerir perguntas que não resultariam em nenhuma informação importante e relevante.

As pessoas a serem entrevistadas foram escolhidas: as três proprietárias da escola – para comparar a história por diferentes sujeitos – e o funcionário mais antigo.

O roteiro de entrevista com as proprietárias foi o seguinte:

- 1) *Qual é o seu nome?*
- 2) *O que você faz na escola?*
- 3) *Em que ano a escola foi fundada?*
- 4) *Quantos anos a escola tem?*
- 5) *Quem teve a idéia de construir a escola?*
- 6) *Como era a escola no começo?*
- 7) *Quem foi a primeira pessoa a trabalhar na escola?*
- 8) *Quantos professores e quais turmas haviam na escola?*
- 9) *Quantos alunos existiam na escola?*
- 10) *Quando surgiu a 2ª série?*
- 11) *O que existia no lugar antes de ser escola?*
- 12) *No começo existia tantas árvores?*

A primeira entrevista foi realizada em classe com uma das proprietárias da escola. As crianças se sentaram em roda e começaram a perguntar. No final, mais perguntas foram surgindo. As crianças iam se maravilhando com o que a proprietária dizia. Estas são algumas das falas das crianças:

"Nossa, no começo só tinha as salas lá de baixo?"

"Só tinha 55 crianças no primeiro ano da escola?"

"Eu já tinha esquecido do trem de madeira"

"A Bia e a Júlia estudaram na turma do Sol. Elas estão na escola desde o começo".

Não é difícil existir na sala crianças que freqüentam a escola desde o início, considerando que a escola foi fundada em 1991, e portanto, tem uma história bem recente.

Nesta primeira entrevista utilizamos um gravador. Todos estavam ansiosos para ouvir a fita. Ouvimos muitas vezes, pois transcrevemos as falas da entrevistada.

Nas duas entrevistas seguintes com as outras proprietárias, não utilizamos o gravador porque a experiência de transcrever a fita não foi muito boa. As crianças diziam que tinham que escrever muito e tinham de ouvir, ir e voltar a fita inúmeras vezes. Realmente as crianças desta idade não se sentem interessadas quando têm de fazer a mesma atividade por muito tempo.

A metodologia escolhida para continuar foi dividir a classe em dois grupos e cada um se responsabilizou por entrevistar uma das proprietárias. Dessa vez, eles saíram com papel e prancheta na mão e anotavam o que consideravam mais importante.

Em classe retomamos as duas entrevistas. Os dois grupos leram e comentaram cada uma das perguntas. Encontramos algumas divergências quanto ao número de alunos que existiam no primeiro anos de funcionamento da escola, e em relação às pessoas que tiveram a idéia de montar a escola. Mas não houve nada tão complexo e divergente que poderíamos chamar de contraditório. Poderíamos dizer que, houve na verdade, uma grande complementação de informações. A partir desse fato discutimos a existência de diferentes visões sobre o passado, que dependem da percepção que cada entrevistado tem do tempo anterior.

O próximo passo foi descobrir quem era o funcionário mais velho da escola. As crianças perguntaram a todos os funcionários (são poucos), e descobriram ser esta uma professora auxiliar que trabalha na escola em tempo integral desde os primeiros anos de funcionamento.

As crianças elaboraram outras perguntas, pois se tratava de uma nova categoria de informante e talvez, para ela, as perguntas feitas às proprietárias, não seriam as mais adequadas.

As questões foram as seguintes:

- 1) *Nome*
- 2) *Função*
- 3) *Mês e ano em que começou a trabalhar*
- 4) *Você se lembra de alguma coisa que existia na escola e não existe mais?*
- 5) *Como era a escola no primeiro ano que você começou a trabalhar nela?*
- 6) *A sua função na escola é a mesma?*
- 7) *A escola cresceu bastante desde que você está nela?*
- 8) *Você tem alguma curiosidade para contar sobre a escola?*

As crianças se divertiram entrevistando esta funcionária, que no contato diário mantém uma relação bastante amigável com as crianças. A experiência de entrevistar alguém tão próximo, foi cômica e ao mesmo tempo constrangedora, pois conversavam diariamente sobre brincadeiras, piadas e nunca haviam conversado sobre a história da escola, sobre as mudanças. No final, quando já se sentiam confortáveis, perguntaram até sobre curiosidades a respeito da vida pessoal da funcionária, e isso resultou em gostosas gargalhadas.

Tendo concluído a etapa de entrevistas, sentamos em roda para conversar sobre tudo o que as crianças descobriram, e então, elaboramos um texto coletivo sobre a história da escola. Coletivo, pois

todas as crianças tiveram chance de participar e colaborar com suas opiniões.

Eis o texto elaborado pela classe:

A história da escola.

A idéia de construir a escola surgiu com a Terê, a Sílvia, a Valéria e a Ana Cláudia. Elas procuraram um lugar para construir e encontraram esta chácara que tinha muitas outras árvores.

A escola começou a funcionar em 1991.

Naquela época, só existia a sala de informática, a secretaria, e quatro salas de aula. O terreno da escola era muito gramado e os brinquedos eram diferentes dos atuais: tinha um trem de madeira, um foguete, um caracol e os pneus. Também existia o galinheiro.

As turmas, em 1991, eram: maternal, pré 1, pré 2, pré 3 no período da tarde e de manhã, tinha a turma do Sol.

As primeiras professoras da escola foram: Valéria, Sílvia, Míriam, Ana Cláudia à tarde e a Terê pela manhã.

No primeiro ano de funcionamento, existia na escola mais ou menos 55 alunos. Hoje, no ano 1998, existem 160 alunos.

A escola mudou muito desde a sua construção.

Hoje existem outras turmas, outros professores, outros brinquedos... Mas as mudanças não param por aí. A história continua.

Texto coletivo produzido pela 2ª série.

Paralelamente às entrevistas, tivemos acesso aos álbuns de fotos da escola. Fotos antigas e atuais. O maior interesse foi em observar as fotos antigas. Muitas crianças se encontraram nelas e puderam compartilhar com a classe acontecimentos da época. Puderam também perceber o quanto cada um deles mudou juntamente com a escola.

Das fotos existentes, uma antiga foi escolhida como documento histórico para uma observação mais detalhada.

De acordo com Ludke e André, os documentos podem complementar informações na busca de respostas para hipóteses ou questões. Ambos dizem, apoiando-se nas palavras de Philips (1974:187), que são considerados documentos históricos:

quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano", estando inclusos neles "desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares.¹⁰

Guba e Lincoln (1981) resumem as vantagens do uso de documentos dizendo que uma fonte muito repleta de informações sobre a natureza do contexto nunca deve ser ignorada.

Os autores acima citados expõe de maneira clara a importância dos documentos como fonte de informação para a pesquisa, no entanto, restringem-se aos documentos escritos, não mencionando a importância da iconografia como documento histórico e fonte de informação.

Trabalhos recentes de pesquisa demonstram que a fotografia vem sendo utilizada como técnica auxiliar da pesquisa sociológica. De acordo com Olga von Simson,

a tendência, hoje em dia, é utilizar o recurso da fotografia em todas as fases da pesquisa: no registro dos dados, complementando a descrição da situação estudada, como auxiliar na análise de dados de realidade e principalmente na devolução dos resultados da pesquisa ao grupo social investigado e a um público mais amplo."¹¹

¹⁰ LUDKE, Menga. *Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa* Marli E. D. A. André. São Paulo. EPU. 1988. p. 38.

¹¹ VON SIMSON, Olga. *Som e imagem na pesquisa qualitativa em ciências Sociais*. In *Anais do Seminário :Pedagogia da imagem, imagem na Pedagogia* – Niterói. R. J. Universidade Federal Fluminense, 1995. p. 91.

Olga von Simson ainda atenta para o fato de que a utilização das fotos ao longo da pesquisa exige cuidados, pois elas

representam apenas a visão do fotógrafo em relação ao tema focalizado. É, portanto, uma visão parcial que pode ser ideologicamente elaborada." ¹².

É importante mencionar que as fotos, além de serem documentos históricos, fontes de conhecimentos do passado, de acordo com Park

não têm um caráter ilustrativo do texto, elas são, em si, próprias, um texto.. ¹³

Isto se torna fundamental à medida que não podemos retornar ao cenário passado, aos lugares propriamente ditos, senão através das fotos, que se encarregam de trazer o passado à tona com todos os seus detalhes.

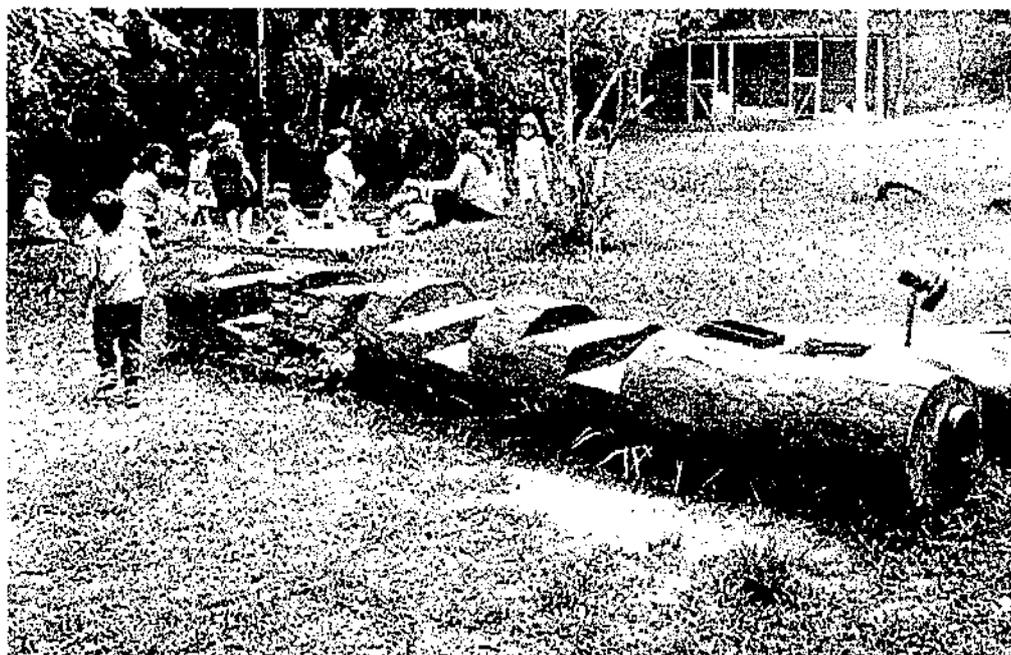
Os detalhes do passado da escola foram resgatados através de uma foto antiga que registou um dos espaços da escola que atualmente fora modificado.

Após observarem atentamente a foto, as crianças levantaram as diferenças. Estavam tão atentas ao trabalho de observação que conseguiram perceber aspectos não notados pelo professor. Elas foram competentes no trabalho de observação.

¹² *Id., ibid.*, p. 94.

¹³ PARK, Margareth Brandini (org.), *Memória e cidadania: tecendo o cotidiano em creches e pré-escolas em Itupeva São Paulo*. p. 126. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.

Eis a foto observada pelas crianças:



O trem de madeira da escola - 1991

Também com fotos montamos uma linha do tempo da escola. Sentamos em roda e com todas as fotos da escola no chão, escolhemos algumas para representar cada um dos seus oito anos – tempo de existência da escola. Tiramos cópias coloridas das fotos e montamos um painel da Linha do Tempo da Escola.

Após termos montado o painel com a linha do tempo da escola, cada criança montou um texto reconstruindo sua própria linha do tempo dentro da escola, desde o ano que nela entraram. Elas relataram a turma, a professora e algo que foi "legal" em cada ano que estiveram na escola.

Foi interessante observar nessa atividade como o atual grupo da 2ª série foi se formando, ano a ano. As crianças trocaram suas linhas do tempo e com os dados de cada uma delas, montamos a linha do tempo do grupo. A cada novo ano uma ou mais crianças se juntavam e continuavam estudando juntos ao longo das séries seguintes. Nesse processo, se conscientizaram que algumas crianças estudam juntas há 7 anos, desde a primeira turma da escola.

2.4 - PARTE IV: As regras de funcionamento da escola.

Tendo conhecido a história da escola através das observações de mudanças concretas, da realização de entrevistas e da análise de fotos, partimos para a análise e conhecimento das regras de funcionamento da escola.

O primeiro passo foi conversar com uma das proprietárias da escola e perguntar-lhe a respeito das regras de funcionamento dela. As crianças ouviam, anotavam e muitas vezes questionavam a viabilidade ou importância de algumas delas.

Essa conversa mostrou às crianças que a existência de regras é fundamental para que haja um bom funcionamento e organização das relações entre as pessoas no espaço de convívio, e que toda regra tem uma razão de ser, caso contrário, não seria necessária.

Tivemos acesso a um folheto a respeito das normas de funcionamento da escola que é entregue aos pais no momento em que fazem a matrícula. Lemos em conjunto o folheto e discutimos passo -a- passo, a importância de cada regra e também do cumprimento delas por parte todos.

A discussão a respeito da importância da existência de regras resultou na construção das regras da classe. Regras essas, elaboradas e discutidas uma a uma, para que houvesse a conscientização de sua importância. As crianças assinaram abaixo das regras como responsáveis por sua implementação.

Estas são as regras definidas de acordo com as necessidade sentidas pelas crianças:

- 1 – *Não jogar almofada no amigo.*
- 2 – *Não brigar com o amigo.*
- 3 – *Saber quando e como conversar (não gritar).*
- 4 – *Ouvir quando o outro fala.*

5 – Respeitar o outro.

6 – Manter os lugares da escola limpos.

7 – Cuidar do material.

8 – Pode brincar depois de terminar a lição.

Como tarefa de casa, cada criança escolheu uma regra da classe e a ilustrou.

A importância das regras não se restringiu à escola somente. O mais importante neste trabalho foi a conscientização, por parte das crianças, da existência de regras e leis na sociedade que devem ser seguidas e respeitadas para que as pessoas possam conviver de maneira organizada e responsável.

Essa conscientização ocorreu através de um projeto paralelo sobre os Direitos das Crianças.

A princípio lemos e discutimos o texto: "O homem que não sabia nem ler", de Ricardo Azevedo, que relata a história de uma pessoa adulta que não consegue nem ler o itinerário de ônibus e pede a uma criança que escreva uma carta para a sua mulher, pois também não consegue escrever. Essa história iniciou a discussão sobre a escolarização das pessoas. As crianças acreditavam que todos os adultos haviam passado pela escola e conseqüentemente sabiam ler e escrever.

No entanto, esta não é a realidade brasileira. Percebemos que nem sempre todas as pessoas sabem ler e escrever, porque não tiveram a oportunidade de freqüentar a escola quando crianças.

A discussão desembocou no direito de todo ser humano à educação escolar. Conhecemos a Declaração dos Direitos e Deveres da Criança, aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas aos 20 de Novembro de 1959 e os 10 direitos da Crianças, garantidos por lei:

1- Direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou racionalidade.

2- *Direito a especial proteção para o seu desenvolvimento físico, mental e social.*

3- *Direito a um nome e uma nacionalidade.*

4- *Direito à alimentação, moradia e assistência médica adequada para a criança e a mãe.*

5- *Direito à educação e a cuidados especiais para criança física ou mentalmente deficiente.*

6- *Direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.*

7- *Direito à educação gratuita e ao lazer infantil.*

8- *Direito a ser socorrida em primeiro o lugar, em caso de catástrofes.*

9- *Direito a ser protegida contra abandono e a exploração no trabalho*

10- *Direito a crescer dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.*

Cada direito da criança foi discutido e ilustrado, com retalhos e papéis coloridos. A todo momento questionávamos a respeito da garantia da lei na realidade.

Lemos artigos de jornais e identificamos problemas sociais que afetam a vida das crianças, como a exploração do trabalho infantil e a violência contra as crianças e percebemos que muitas delas não têm escola e nem podem brincar. São crianças que não têm seus direitos garantidos na realidade.

Este trabalho serviu como parâmetro para compreensão da existência de regras sociais, muitas vezes fortalecidas e sustentadas pela lei, mas que não têm o mesmo rigor quando analisadas no contexto real.

2.5 - PARTE V: Conhecendo o quarteirão da escola.

Desde o início da proposta até a parte anterior, o foco de trabalho e estudo centrou-se na escola. As crianças tiveram a oportunidade de conhecê-la a partir de diferentes aspectos: físico, histórico, administrativo, organizacional, que proporcionaram um maior conhecimento a respeito da instituição escolar.

Dessa forma, a continuidade do trabalho de resgate histórico e conscientização temporal, ocorreu fora da escola, iniciando-se pelo conhecimento do quarteirão no qual ela está situada.

Realizamos um passeio em volta do quarteirão da escola. Antes da saída combinamos o que deveríamos observar. Ficou claro para elas que se tratava de um estudo e não de simplesmente um passeio.

Cada criança recebeu uma folha que apontava alguns aspectos que deveriam observar. Todos saíram com prancheta, lápis e papel na mão, como verdadeiros observadores.

Eis os aspectos de observação:

Você já conhece muito sobre a escola em que estuda, mas e sobre o lugar em que ela está situada?

Vamos andar em volta do quarteirão da escola. Procure observar as características das ruas por onde andaremos, se existem pontos comerciais, que tipo de residências existem, e etc. Anote os dados observados aqui.

Início do estudo: Saída da escola, situada na rua:

Nomes das outras ruas que formam o quarteirão:

As casas comerciais são:

As ruas são movimentadas?

As ruas são arborizadas?

Como são as residências?

As ruas são limpas?

Que outras coisas você pode observar?

Entre um aspecto e outro havia linhas para que pudessem anotar as observações.

O passeio teve seu início em frente à escola. Relembramos os objetivos do estudo e anotamos o endereço de partida.

Como a escola está localizada, praticamente em uma esquina, a primeira parada foi muito breve. As crianças anotaram o nome da rua que estava escrito em uma placa pendurada em um poste, e observaram que esta rua ocupava uma parte muito pequena do quarteirão.

Na próxima esquina, a segunda parada, e anotamos novamente o nome da rua. A cada nova rua (geralmente nas esquinas), parávamos a anotávamos o nome.

A professora e algumas crianças levaram máquinas fotográficas para o passeio. Aquelas que não levaram, pediam para que os outros tirassem fotos daquilo que achavam interessante.

Sempre que observávamos algo de interesse parávamos para conversar.

Estas são algumas falas das crianças ocorridas em algumas das paradas do trajeto:

"Olha aquela casa azul!! Ela vai de uma rua até a outra! Ela deve ser muito, muito grande."

"Nesse quarteirão tem bastante terrenos vazios. Tem até aquelas duas casinhas ali que parecem que são em uma chácara. Olha, tem até galinha!"

"Eu já estou ficando cansada. Este quarteirão é muito grande."

"Esse terreno aqui não fica no fundo da escola?" Fica sim! Olha lá a quarta série!"

"Eu não sabia que tinha um terreno vazio no fundo da escola ."

"Dá para ver até as árvores grandes da escola."

"Esse posto de gasolina ocupa a esquina inteira. Ele vem até aqui."

"Tem bastante casas sendo construídas. Aquela ali parece um castelo!"

"Essa rua também é pequena, mas é só nela que tem um ponto de ônibus."

" Aquela árvore é a mais bonita de todas que eu vi. Ela tem um monte de flor vermelha."

Andamos por quatro das cinco ruas que formam o quarteirão, e quando viramos a rua que é esquina com o outro extremo da rua da escola, as crianças ficaram muito animadas. Elas perceberam que era a rua da escola por reconhecerem algumas casas.

Algo interessante ocorrido na rua da escola, foi quando uma professora que acompanhava a turma, mostrou uma outra chácara que quase fora comprada pelas proprietárias da escola para construírem-na ali. Ela explicou que o dono da chácara desistiu da venda no último momento.

Esta notícia empolgou as crianças que quiseram parar em frente à chácara e observar detalhadamente. Durante a observação comentavam sobre como seria diferente se a escola fosse naquele local. Algumas das crianças diziam:

" Ali naquele lugar ia ficar o jipe."

" Naquele lugar ia ser o quiosque."

Elas passaram algum tempo imaginando a escola ali, e se divertiram muito fazendo diversas comparações.

Ao retornar à escola, conversamos sobre o passeio e retomamos tudo o que elas havíamos anotado.

Esse resgate permitiu que houvesse a troca de Informações e também mostrou os diferentes olhares que cada criança teve sobre determinados aspectos. Um exemplo disso pode ser em relação à arborização das ruas. Enquanto para algumas crianças as ruas eram muito

arborizadas, para outras não eram tanto. Essas comparações estão ligadas diretamente à experiência de vida de cada criança. Se uma criança mora em uma rua repleta de árvores, é certo que ela achará que a rua não é tão arborizada. No entanto se outra criança mora em uma rua muito pouco arborizada, quase sem árvores, então achará que a rua é bastante arborizada.

Tendo complementado as informações a respeito do quarteirão, partimos para sua localização no mapa de Campinas.

Na verdade, ocorreram dois momentos de observação em mapas. Primeiramente, observamos e localizamos o quarteirão no mapa regional da área do bairro da escola, existente na lista telefônica da TELESP. Pintamos as cinco ruas que o formam e comparamos o tamanho de cada rua no mapa com o tamanho que conhecemos. De maneira geral, as ruas pareciam muito pequenas quando realizamos o passeio, pois andamos por um pequeno espaço delas, no entanto, o mapa mostrava que elas eram grandes e que passavam por vários outros quarteirões. Em anexo, o mapa, por área, utilizado na localização (Anexo 1). Cada criança teve a sua cópia.

O segundo momento de observação de mapas, foi diretamente com o mapa de Campinas. Neste, a localização e as comparações foram mais difíceis, pois a proporção de tamanho, comparado ao do outro mapa, é bem menor. Posteriormente às localizações no mapa, cada criança desenhou o quarteirão da escola. Foi pedido que registrassem todos os detalhes que lembrassem. Anotamos na lousa todos os pontos que as crianças consideravam importante, seguindo a seqüência de acontecimento durante o passeio.

Para fazerem o desenho, as crianças foram orientadas a desenhar primeiramente as ruas, e em seguida, aquilo que tinham certeza da sua localização. Elas usaram como ponto de referência e ponto de partida a escola, repleta de significados para elas, e um posto de gasolina localizado em uma das esquinas do quarteirão, que é a única casa comercial existente

nele. No demais, foram distribuindo as casas e os terrenos baldios, sempre certificando-se da localização com os colegas ou com a professora.

De maneira geral, os registros foram muito bem feitos. Algumas crianças se preocuparam com a cor de determinados detalhes de certas casas. Outras, se preocuparam em desenhar as casas que mais as impressionaram. Algumas casas, citadas pelas crianças nas falas relatadas anteriormente, (a casa azul que atravessava o quarteirão, a casa que parecia um castelo, e as duas casinhas que ficavam em um pequeno espaço que parecia uma chácara por ter até galinhas), apareceram no desenho de todas as crianças. Isso significa que aquelas casas impressionaram à todas.

Se nesse momento do trabalho cada criança teve a oportunidade de fazer o seu registro individual, nos dois momentos seguintes, todas trabalharam juntas na confecção de um painel de fotos tiradas durante o passeio no quarteirão e de uma maquete com sucata em uma base de isopor.

Primeiramente, trabalhamos com as fotos. Sentamos em roda e espalhamos todas as fotos no chão. Observamos uma a uma e as reconhecemos através cada espaço visitado. Classificamos as fotos de cada rua, relembramos a ordem de cada uma de acordo com o passeio, e montamos um painel com todas. Tentamos colar as fotos de maneira que elas ocupassem o mesmo formato do quarteirão.

Não foi possível montar um painel idêntico ao quarteirão real, pois não havia fotos de todos os espaços e tampouco um padrão de foco da máquina fotográfica. Para que isso acontecesse, seria necessário o trabalho de um profissional fotográfico, que saberia exatamente a partir de qual perspectiva e sob qual ângulo realizar a foto para que conseguisse a impressão de realidade no papel.

Para a construção da maquete, as crianças levaram sucatas, retalhos, papéis coloridos para a classe. Definimos na lousa o que deveria

ser construído e fizemos uma lista. Cada criança, ou dupla, ficou responsável por construir determinada parte.

Por mais que o trabalho tenha sido dividido, as duplas não se sentiam constrangidas em pedir opinião aos colegas ou também em emitilas.

A maquete foi sendo definida aos poucos. Quando alguma criança terminava sua parte, colávamos na base de isopor, que já tinha as ruas devidamente pintadas e nomeadas por uma das crianças.

Conforme a maquete ia se formando no isopor, as crianças se lembravam de detalhes que eram importantes e que não tinham sido listados na lousa, como por exemplo os postos de iluminação e os fios de energia elétrica.

Muito interessante neste trabalho de confecção da maquete, foi observar a noção de espaço de cada criança. A princípio, todas começaram por construir casas muito grandes, cujos tamanhos não seriam proporcionais ao espaço que ocupariam na placa de isopor. Quando as ruas da maquete ficaram prontas, cada criança mediu a sua construção na rua determinada e então, cada uma pode comparar e perceber por si própria que o tamanho era realmente exagerado, e após conversarem com as crianças que também faziam suas construções na mesma rua, mediram e definiram qual seria o tamanho ideal para cada construção. Toda vez que alguma criança tinha dúvidas, voltava para a placa de isopor e tirava novas medidas.

Terminada a maquete, todos apreciaram o resultado final.

Em um momento de confraternização com os pais na escola, no qual a maquete foi também ficou em exposição, todas as crianças, ao apresentarem-na, mostravam primeiramente a parte que tinham construído e se orgulhavam disso. Somente depois é que explicavam o que havia na maquete toda.

O trabalho com o quarteirão foi intenso: passeio para reconhecimento, localização em mapas, registro através de desenho,

organização de painel com as fotos, construção da maquete, proporcionaram às crianças a familiarização com os conceitos de espaço, espaço urbano e quarteirão. Mas qual seria a sua definição?

Cada criança procurou no dicionário o significado da palavra e encontraram:

QUARTEIRÃO: Conjunto de casas fechadas por ruas na divisão urbana.¹⁴

Depois de conversarmos sobre a definição do dicionário, elaboramos a definição da segunda série, a partir das palavras das crianças e fizemos algumas anotações no caderno a respeito do assunto:

QUARTEIRÃO: É um conjunto de ruas que se cruzam. O espaço do quarteirão pode ser ocupado por casas, terrenos, casas comerciais, terrenos baldios, igrejas.

O quarteirão da escola é formado por cinco ruas:

- *Rua da Orquídeas;*
- *Rua Jorge Figueiredo Corrêa;*
- *Rua Miosótis;*
- *Rua Camélias;*
- *Ruas Girassol.*

O quarteirão da minha casa é formado por ___ ruas.

Como atividade de casa, cada criança andou pelo quarteirão de sua casa, anotando os nomes das ruas e o que mais chamou a sua atenção. Em classe, comparamos os quarteirões das casas das crianças e depois os comparamos com o da escola e chegamos a algumas conclusões sobre eles:

¹⁴ Mini Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo, 1997: Companhia Melhoramentos.

- A quantidade de ruas varia de 3 a 5;
- Algumas ruas são de terra;
- Os quarteirões não têm o mesmo formato;
- Cada quarteirão tem um tamanho;
- Nem todos são arborizados;
- Nem todos são movimentados.

A partir dessa comparação feita entre os quarteirões, as crianças perceberam que podem existir muitas semelhanças e diferenças entre um e outro. Isto depende muito do bairro, da sua localização e como foi a sua formação, isto é, se o bairro foi planejado ou não.

2.6 - PARTE VI: Conhecendo o bairro da escola e a sua história.

Depois de termos conhecido o quarteirão da escola, o trabalho continuou com o conhecimento do bairro da escola e da sua história.

Para que isso acontecesse, foi pedida a colaboração dos pais das crianças, que deveriam responder algumas perguntas a respeito do bairro e enviar fotos sobre ele, se acaso tivessem. Foram enviadas duas atividades para casa: uma sobre os aspectos atuais do bairro e outra sobre a história dele.

ATIVIDADE PARA CASA - I

Peça ajuda a seus pais para conhecer um pouco sobre o bairro em que está situada a escola.

- 1) Escreva o nome do bairro da escola:*
- 2) Escreva o nome de alguns bairros vizinhos do bairro da escola:*
- 3) Vocês conhecem o bairro da escola? Há quanto tempo?*
- 4) O bairro influenciou na escolha da escola para o (s) seus (s) filhos (s) estudar? Quais aspectos?*
- 5) Escreva algumas características sobre o bairro:*
 - a)Boas:_____*
 - b)Ruins:_____*
 - c)Pontos comerciais:_____*
 - d)Sobre as residências:_____*
 - e)Arborização:_____*
- 6)Desde que vocês conhecem o bairro alguma coisa mudou? Escreva o que mudou.*
- 7) Se tiverem alguma foto sobre o bairro, favor enviar para a escola.*

As crianças levavam a atividade para casa. Em classe discutimos cada uma das perguntas.

Localizamos no mapa de Campinas o bairro da escola – Chácara Primavera – e os bairros vizinhos dele. Quando encontramos o bairro da escola, procuramos também o quarteirão que visitamos e comparamos os tamanhos das ruas, dos quarteirões e do bairro. Concluímos que o bairro é maior que o quarteirão, porque no bairro há vários quarteirões, e que estes, são maiores que as ruas, porque neles existem várias ruas.

Foi importante fazer esta comparação para que as crianças percebessem que existem diferenças entre os três conceitos – ruas, quarteirão e bairro. Esta comparação pode parecer à primeira vista muito simples, mas não é se considerarmos que estas crianças estavam lidando pela primeira vez na escola com a definição sistematizada destes conceitos. Elas precisaram comparar para terem a noção da dimensão de um e de outro, e para entenderem que um engloba o outro. Como já dito no início deste trabalho, a metodologia escolhida foi de partir sempre do mais próximo da criança para o mais distante dela. E isto foi considerado também neste momento.

A localização no mapa também auxiliou na complementação das informações trazidas de casa. Cada criança trouxe o nome de um bairro vizinho da escola e nos certificamos das respostas observando o mapa.

Além de facilitar a visualização do bairro, o mapa foi a comprovação dos nomes dos bairros vizinhos do bairro da escola, que são:

- Taquaral;
- Parque Taquaral;
- Mansões Santo Antonio;
- Jd. Profª. Tarcilla;
- Vila Miguel Vicente Cury;
- Vila Nogueira;
- Jd. Colonial.

Uma das crianças levou para a classe um mapa da lista telefônica da TELESP (mapa nº 9 – Lista nº 141 de janeiro de 1998), que trazia o bairro da escola e alguns dos bairros vizinhos. Tiramos cópias para as demais crianças, colamos no caderno e anotamos os nomes dos bairros vizinhos.

Em relação às características do bairro, estas foram as respostas das crianças e dos pais:

BOAS: tranquilidade, pouco movimento, muitas árvores, bonito, boas ruas.

RUINS: o movimento é grande nos horários de entrada e saída das crianças nas escolas.

PONTOS COMERCIAIS: são muito poucos, tem posto de gasolina, escolas, padaria, buffet.

SOBRE AS RESIDÊNCIAS: casas grandes, mansões, com seguranças.

ARBORIZAÇÃO: é muito boa, tem muitas árvores e flores.

As respostas trazidas pelas crianças para a classe, foram complementares umas das outras. Praticamente não houve divergência em relação as opiniões em relação aos diferentes aspectos do bairro.

Depois de conversarmos sobre ele, precisávamos definir de maneira sistemática o conceito de bairro. Para isso, procuramos no dicionário o seu significado, lemos, conversamos e escrevemos no caderno:

BAIRRO: cada uma das divisões da cidade.¹⁵ Cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade ou vila ,para mais precisa orientação das pessoas e mais fácil controle administrativo dos serviços públicos.¹⁶ Todo bairro recebe um nome.

¹⁵ Mini Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo, 1997: Companhia Melhoramentos.

¹⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro 1986 – Editora Nova Fronteira.

O bairro da escola é um bairro RESIDENCIAL, pois é próprio para a existência de casas e as lojas são muito poucas.

Tendo definido o conceito, conversamos sobre o tempo que cada criança e pais conheciam a escola. As respostas variaram de 2 à 13 anos. Tempo razoável para serem percebidas as mudanças e transformações ocorridas.

No entanto, isso não ocorreu de maneira detalhada. Poucos pais responderam que perceberam mudanças. E estas foram:

- Prédio da NET;
- Lombada em frente a uma outra escola do bairro;
- Alguns prédios que ficam perto da escola ficaram prontos.

Muito pouco para quem conhece o bairro da escola há 13 anos.

Algumas crianças responderam que não perceberam nenhuma transformação, e neste momento houve a interferência do professor para relembrar o passeio que foi feito ao redor do quarteirão. Num curto período de tempo, o próprio quarteirão já havia sofrido mudanças; casas que estavam no início de sua construção já estavam erguidas; em um terreno que era baldio estava se iniciando uma construção. Com isso as crianças perceberam que as mudanças ocorrem freqüentemente, e que precisam estar atentas para elas, caso contrário, passam despercebidas.

Infelizmente, nenhuma criança levou fotos do bairro para a escola, e isso impediu que elas observassem mudanças mais antigas.

A atividade seguinte, relacionou-se com a história do bairro.

ATIVIDADE PARA CASA - II

Peça ajuda para os seus pais e respondam juntos.

1) Procure saber por que o bairro da escola recebeu o nome de Chácara Primavera.

1) *Há quantos anos esse bairro existe?*

2) *O que existia no lugar antes de ser esse bairro?*

3) *Vocês conhecem alguma curiosidade sobre esse bairro?*

Nesta segunda atividade, as crianças não trouxeram muitas respostas. A maioria delas disse que os pais conheciam muito pouco ou quase nada a respeito da história do bairro da escola.

Uma das alunas ligou na Prefeitura de Campinas e conseguiu alguns dados importantes.

A dificuldade em conhecer a respeito da história de formação do bairro "Chácara Primavera" também foi encontrada pela professora.

Várias pesquisas foram feitas na biblioteca e no arquivo histórico do Centro de Memória da Unicamp; muitos telefonemas foram dados à Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Campinas; e a outros arquivos históricos, como o Museu da Cidade e a CONDEPAC, no Palácio dos Azulejos; e também houve conversas com antigos moradores do bairro

Esta intensa procura resultou na constituição de uma pequena e pouco precisa história a respeito do bairro; que, ao menos, auxiliou na compreensão da formação do bairro por parte das crianças, que não compartilhavam da mesma necessidade da pesquisadora de buscar informações em fontes documentais e seguras.

Uma das pessoas indicadas para a conversa, foi o Sr. Giane, antigo morador do bairro. Ele disse que sabia muito pouco sobre como o bairro se formou. Sabia que era uma antiga fazenda e que foi loteada na época em que Orestes Quércia era prefeito da cidade. Muitos funcionários que trabalhavam naquela administração compraram vários lotes no local, que muito em breve contava com infra-estrutura completa: água, luz, asfalto. De acordo com ele, estes funcionários adquiriram vários lotes no mesmo quarteirão e construíram chácaras, mansões. Talvez seja esta a razão de existirem atualmente tantos casarões.

Através dos telefonemas, outras informações complementares foram conseguidas: o nomes das ruas – todas de flores – foram dados pelos

antigos moradores do local; o loteamento foi aprovado pelo Decreto Municipal 3822, em 23/04/71, sendo os requerentes Adolfo Lindenberg e Tereza Lindenberg, prováveis donos da antiga fazenda.

Com essas informações conseguimos conhecer um pouco sobre a história de formação do bairro Chácara Primavera, que tem apenas 27 anos de existência.

Em classe, reunimos as informações da pesquisadora com as das crianças e conseguimos redigir um texto coletivo sobre a história:

A história do bairro da escola.

O bairro chácara Primavera começou a existir como bairro em 1971, há 27 anos atrás.

Antes de ser este bairro, existia no lugar dele uma fazenda. Os donos desta fazenda eram Adolfo Lindenberg e Tereza Lindenberg.

Estas pessoas decidiram lotear a fazenda. A prefeitura aprovou o loteamento no dia 27/04/71, pelo Decreto municipal número 3822.

Uma curiosidade do bairro é sobre o nome das ruas: todas elas recebem nomes de flores.

Provavelmente foram os antigos moradores que deram os nomes das ruas.

Texto produzido pela 2ª série.

Tendo conhecido a história da escola, o quarteirão, o bairro da escola e sua história, e percebido as contínuas transformações, a orientação foi de voltar a imaginação para o futuro, pensando em como seria a escola e o espaço que ela ocupa num tempo além desse.

Essa atividade foi feita em casa e, em classe, sentamos em roda para ouvir as histórias de cada criança. Observação interessante ocorreu durante as leituras, confirmada a cada nova leitura: as crianças não escreveram um texto somente sobre as transformações da escola, elas

depositaram nas transformações todos os seus sonhos e fantasias. Escreveram que na escola iria existir prédios de 17 andares, a casa de boneca teria 3 andares, haveria piscina olímpica, o intervalo seria de 2 horas e elas poderiam comprar o lanche na cantina que ficaria dentro da piscina, haveria cavalos, muitas outras espécies de animais... Muito sonho, talvez desejos...

2.7 - PARTE VII: Conhecendo um bairro vizinho da escola e a sua história.

Conhecemos o bairro da escola – Chácara Primavera - e um pouco sobre a sua recente história. O passo seguinte foi partir para um bairro vizinho da escola – Taquaral – cuja história é bem mais antiga em comparação à do bairro da escola, e remonta às origens da constituição do município de Campinas.

Se em relação ao bairro Chácara Primavera, tratávamos de um tempo, para a história considerado curto, neste momento ampliávamos essa distância para mais de um século; tempo bastante abstrato para as crianças. Neste sentido, recorreremos à realidade, realizando um estudo de meio no Lago do Café e conhecendo o casarão antigo – Museu do Café - e um pouco sobre a história da Fazenda Taquaral.

O caminho foi percorrido à pé, e durante esse percurso as crianças observavam o bairro e faziam perguntas a respeito do local a ser visitado.

Lá chegando, contamos com o auxílio de uma historiadora que nos acompanhou durante a visita. Ela contou sobre a história do casarão e também sobre curiosidades da época.

Esta visita foi muito apreciada pelas crianças que se encantaram com os móveis antigos, as armas expostas, o telefone movido à corda, o gramofone, a mesa posta para o café com porcelanas todas decoradas, a cadeira de madeira que funcionava como vaso sanitário (tinha um recipiente dentro), o espelho de cristal, os artigos utilizados para castigar os escravos, os ferros de passar roupa, a balança, a escada e as sacas utilizados na colheita do café, etc. Artigos estes, novidade para as crianças que certamente nunca os tinham visto antes.

Muitas perguntas foram feitas para a historiadora:

Por que os escravos apanhavam tanto?

O que as mulheres faziam enquanto os homens trabalhavam?

Como as escravas passavam as roupas?

Os pés de café eram muitos?

A fazenda era muito grande?

Questões que iam surgindo ao longo da visita e de acordo com o que a historiadora contava.

Depois de conhecermos o casarão antigo, andamos pela área toda do Lago do Café e percebemos que ainda existia alguns pés de café. As crianças puderam ter uma noção do tamanho do Lago e imaginavam onde eram plantados os pés de café antigamente.

Tendo terminado o passeio retornamos para a escola e no caminho de volta as crianças iam comentando sobre as impressões que tiveram:

Puxa, a gente não parava mais de andar no casarão. Como ele é grande!

Eu gostei bastante do telefone, ele é tão diferente.

E aquela cadeira que tem o pinico! Como os donos da fazenda eram folgados! Eles usavam o pinico e depois os escravos que jogavam fora...

Eu queria usar aquela cartola preta!

E aquele negócio que eles colocavam no pescoço dos escravos! Devia doer muito !

Estes comentários demonstraram que as crianças apreciaram o passeio e que a curiosidade e a admiração em relação a algumas coisas contadas pela historiadora ainda tomavam conta do pensamento delas.

No dia seguinte, retomamos o trabalho. Algumas questões foram feitas à crianças para retomar o assunto :

O que existe hoje no Lago do Café?

O que existia no Lago do Café antigamente?

Você sabe dizer porque aquele lugar recebeu o nome de Lago do Café?

Também conversamos sobre outros interesses das crianças.

Como tarefa de casa, cada criança desenhou e descreveu o casarão antigo. Foi pedido que desenhassem o que mais lhes havia chamado a atenção.

A maioria desenhou a fachada do casarão. Outros desenharam alguns cômodos do interior da casa, e outros ainda, desenharam os artigos utilizados para repreender os escravos.

Conversamos sobre os escravos. Retomamos o que foi falado pela historiadora e desenhamos, imaginado como eles eram e como era a vida nas fazendas de café.

Nos desenhos das crianças, apareceram muitos escravos sendo maltratados: escravos apanhando, escravos amarrados em troncos, colhendo café, e crianças – filhas de escravos - pegando as migalhas de pão que caíam da mesa dos donos da fazenda, enquanto estes tomavam suas refeições.

Houve muito interesse por parte das crianças em registrar as condições de vida dos escravos, pela sua precariedade. Muitas crianças estavam indignadas com este fato e diziam que se pudessem voltar ao tempo, *amarrariam os donos da fazenda para ver se eles iriam gostar*. Elas mostraram a mesma indignação de quando estudamos os direitos das crianças e constatamos que muitas delas também são exploradas e maltratadas atualmente.

A visita ao casarão e os relatos da historiadora proporcionaram às crianças, um mergulho no passado, através das histórias, dos móveis, das roupas, dos utensílios.

Mas além disso, o resgate histórico do Lago do Café, foi complementado pela leitura e discussão de artigos de jornais antigos

(1991 – data de nascimento da escola), encontrados no acervo do Centro de Memória de Campinas.

A leitura de artigos de jornal, datadas do ano de inauguração do Lago do Café, retratando-o como espaço de lazer voltado ao público, foi de muito interesse para as crianças.

Lemos artigos que relatavam diferentes opiniões de pessoas que haviam visitado o parque naquela ocasião. Essas pessoas também relataram suas expectativas em relação ao futuro do parque. De acordo com o artigo, intitulado " Lago do Café é mais uma opção de lazer em Campinas" (Correio Popular – 1991), o casarão não estava aberto para visitas e a maior curiosidade das pessoas que conheciam o Lago era em relação ao que haveria no interior dele. Essa notícia gerou alegria entre as crianças que gostaram de saber que hoje, sete anos depois da data da notícia, já podem conhecer o casarão por dentro.

As crianças também deram suas opiniões a respeito do Lago do Café, e a unanimidade foi evidente: todos gostaram muito!

Através dessa visita, muito apreciada pelas crianças e pela leitura de artigos de jornais, pudemos viajar ao passado, tornando presente aquela realidade do século passado, quando Campinas era formada por grandes fazendas, e a economia era baseada na lavoura do café e na exploração do trabalho escravo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tempo, tempo antigo, tempo atual...

Tempo que delineou este trabalho, que neste momento já faz parte da história...

Faz parte da história construída por crianças de 8 e 9 anos, que ao longo de um semestre letivo da 2ª série, conscientizaram-se de seu papel de agente histórico e transformador, conhecendo e analisando a realidade que os cerca.

Este trabalho tornou-se possível pela crença de que a compreensão ampla da realidade passa, primordialmente, pelo conhecimento da localidade em que se vive, para que se construam relações de pertencimento que conduzem à cidadania.

Quando a escola é encarada como um espaço rico em descobertas, que valoriza a participação do aluno e no qual o professor é capaz de levar o aluno a refletir, pensar e concluir, existe a verdadeira aprendizagem. A criança interage, cria, levanta hipóteses, questiona, e conclui para enfim compreender. Todo conhecimento elaborado através da construção e participação ativa, por parte do aluno não é esquecido jamais. Ele conhece e domina todo o processo de sua elaboração e pode repeti-lo mentalmente ou de maneira concreta sempre que o desejar.

Neste trabalho de resgate histórico, as crianças:

- Buscaram informações em diferentes tipos de fontes (entrevistas, imagens, artigos de jornais e experiência concreta);
- Analisaram documentos de diferentes naturezas;
- Trocaram informações sobre os objetos de estudo;
- Compararam informações diferentes sobre um mesmo acontecimento, fato ou tema histórico;
- Formularam hipóteses e questões a respeito dos temas estudados;

- Registraram os conhecimentos produzidos sob diferentes formas: textos, fotos, desenhos e maquete ;
- Tiveram acesso a diferentes medidas de tempo;
- Identificaram as transformações e permanências nas vivências sócio culturais da coletividade urbana no tempo: diferentes tipos de habitações antigas que ainda existem, observações de mudanças no espaço, com reformas de prédios, construções de estradas. Foram capazes de diferenciar produtos manufaturados de industrializados, mudanças e permanências nos instrumentos de trabalho, nas manifestações artísticas, nas vestimentas, e nas casas de outros tempos.

Tudo, através de intenso envolvimento, interesse e participação, por parte das crianças e dos seus pais, que muito colaboraram com seus conhecimentos ao longo deste trabalho.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História, no final do primeiro ciclo, as crianças, depois de terem vivenciado inúmeras situações de aprendizagem, dominam alguns conteúdos e procedimentos. Para avaliar esses domínios esta proposta destaca de modo amplo, os seguintes critérios:

- *Reconhecer algumas semelhanças e diferenças no modo de viver dos indivíduos e dos grupos sociais que pertencem ao seu próprio tempo e espaço*
- *Reconhecer a presença de alguns elementos do passado no presente, projetando a sua realidade numa dimensão histórica, identificando a participação de diferentes sujeitos , obras e acontecimentos, de outros tempos, na dinâmica da vida atual¹⁷*

Esses critérios que pretendem avaliar os ganhos e conquistas do aluno no reconhecimento de sua realidade, estabelecendo relações históricas com outros tempos, envolvendo diferentes sujeitos e seus modos

de vida, e comparando as semelhanças e diferenças desses modos de viver.

Se estes critérios e considerações dos Parâmetros Curriculares fossem considerados na avaliação da aprendizagem das crianças neste trabalho, pode-se dizer que o mesmo foi muito satisfatório, pois os conhecimentos produzidos pelas crianças no âmbito da história local, foram condizentes com os resultados esperados pelos Parâmetros no final do primeiro ciclo.

Através desse trabalho, pudemos perceber que, para as crianças de hoje, a concepção de espaço em comparação à mesma de seus pais, se modificou. Antigamente, na época da infância dos pais das crianças da classe, aquelas então crianças tinham liberdade para explorar todo espaço exterior das suas casas, se divertindo com brincadeiras de rua, explorando a rua, o quarteirão e até mesmo o bairro, e tendo liberdade para tanto. Atualmente, a impressão obtida é de que esta exploração do espaço no qual a criança vive restringe-se a interiores: da casa, do clube, do condomínio, do shopping, da escola. O domínio do espaço, por parte das crianças, diminuiu. O espaço público lhes é vedado. Isto é bem visível nas brincadeiras, que são todas ligadas a brinquedos que ocupam pouco espaço, geralmente brinquedos eletrônicos. Os espaços externos ao da casa são sempre explorados em companhia e sob supervisão do adulto, devido a constante preocupação com o perigo. Isso acontece geralmente nos finais de semana, pois a maioria dos pais trabalha fora, mais um motivo que contribui para que as crianças permaneçam dentro de suas casas. E com isso, os espaços de vivência da criança são cada vez mais limitados.

Analisando os diversos desenhos feitos pelas crianças dos espaços que mais gostavam da escola e até mesmo as produções de texto que se referem ao tempo futuro, foi perceptível que a grande maioria tinha sua atenção voltada para os brinquedos da escola. Os desejos de maior liberdade e conquista de espaço estão associados diretamente aos

¹⁷ PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: história, geografia/ Secretaria de Educação

brinquedos. Felizmente, os brinquedos existentes na escola permitem que as crianças ajam com liberdade: podem correr, subir, descer, jogar bola, subir nas árvores, brincar com o coelho, brincar na casa de bonecas, nem sempre sob supervisão direta dos adultos.

Brincadeiras essas que, por mais que se concentrem no interior da escola, não exigem imobilidade por parte das crianças e muito menos que elas fiquem presas a um único e restrito lugar, mas ainda no âmbito do espaço privado.

Olhar a escola de diferentes maneiras modificou a vivência das crianças em relação a ela. Elas foram deslocadas de sua passividade para entrevistar, observar lugares e fotos, pesquisar, e comparar para conhecer diferentes aspectos da escola. Se estavam acostumadas a encarar a escola como espaço de estudar e brincar, perceberam que existem outras vertentes em relação a ela: a parte administrativa, as regras, o seu passado. E isso permitiu uma exploração dinâmica que resultou em um maior conhecimento e maior vivência do espaço que ocupam .

As crianças reconheceram que a existência da escola não está atrelada ao ingresso delas na mesma. A aproximação do passado permitiu resgatar as lembranças, as mudanças, as permanências, e, principalmente o papel que elas ocupam dentro da escola: também podem transformá-la ! Ou, o espaço pode ser transformado, ao longo do tempo de acordo com as necessidades delas também.

As fotos utilizadas neste trabalho auxiliaram na compreensão das mudanças pelas crianças. O olhar atento aos detalhes das fotos revelou muita história. As crianças puderam perceber tanto as transformações relacionadas a elas próprias – através das fotos da escola – como também mudanças relacionadas ao quarteirão da escola, ao Lago do Café.

Além de resgatar as lembranças e as transformações, as fotos, de acordo com Olga von Simson, são importantes também como transmissão de informações familiares para gerações mais jovens. Ela diz que:

Desde os anos 30 e 40 com a "democratização" do registro fotográfico através do surgimento de máquinas fotográficas de operação muito simples e relativamente barata que permitiram a fixação mais rápida e fácil de "instantâneos", a vida dos grupos sociais e dos indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memórias, cartas ou diários e a memória individual e familiar passou a ser construída tendo por base o suporte imagético".¹⁸

A necessidade de registrar os momentos vividos pelas crianças foi muito grande. Isso ocorreu principalmente no interior do casarão, onde encontraram inúmeras novidades. Além de registrar, as fotos também ajudaram a lembrar de detalhes por ora esquecidos.

Tornando-se consciente de sua realidade, e de seu papel como cidadão, a criança entende seus direitos e deveres e, quando os conhece, pratica e exige o cumprimento das leis sociais pela justiça.

Através do conhecimento das regras de funcionamento da escola e também da discussão de algumas regras da sociedade - pelo conhecimento e discussão dos Direitos das Crianças - percebemos que elas podem ter um importante papel ao exigir que as leis sejam cumpridas, tanto na escola, espaço diretamente ligado a elas, quanto na sociedade. Discutimos que as crianças têm o papel de garantir que as leis sejam cumpridas no futuro, pois ele depende delas, que serão os adultos do porvir, podendo atuar como agentes históricos e transformadores.

A percepção das constantes transformações ocorridas ao longo do tempo e a certeza de que a partir do passado é possível compreender melhor o presente permitem a conscientização, de todo ser humano, do seu papel de agente transformador e participativo nos fenômenos históricos na qualidade de cidadão. Estudar a história da escola e a história dos bairros que remontaram um pouco à própria história da cidade de Campinas, foi

¹⁸ VON SIMSON, Olga. *Imagem e Memória - Reflexões sobre a utilização conjugada de fotografias históricas e relatos orais como suportes empíricos da pesquisa histórico-sociológica*. I XIX Encontro Anual da ANPOCS - 17 a 21 de outubro de 1995 - Caxambu/MG.

apenas um meio encontrado para se efetivar esse processo de conscientização tão importante para todos.

De acordo com a Proposta Curricular para o Ensino de História no Primeiro Grau , "A escola fundamental deve contribuir para a formação do aluno como sujeito da própria história, ou seja, como cidadão que se identifica no processo"¹⁹ e isso foi realizado neste trabalho com aquelas crianças de 2ª série.

Esta proposta de trabalho foi elaborada e colocada em prática, devido a falta de existência de material didático que valorizasse o resgate da memória local por parte das crianças. E, principalmente, pela crença de que a criança aprende entrando em contato com o seu objeto de estudo.

Como conseguir que uma criança aprenda a história do local em que vive senão através do contato direto com ela?

O livro didático poderia proporcionar as vivências obtidas pelas crianças através das entrevistas, dos passeios, e das maquetes?

Seria interessante continuar negando a importância do resgate histórico no processo de conscientização da realidade e da cidadania?

Impossível! Os resultados obtidos neste trabalho comprovaram que a aprendizagem real ocorre quando a criança age e interage com o seu objeto de estudo. Comprovaram que o ensino se torna mais agradável quando é interessante, instigante e envolvente.

Nos momentos finais deste trabalho surgem outros objetivos: os de tornar os resultados apresentados, acessíveis a professores que também lidam com a realidade do ensino. É saber se este trabalho seria inspirador para outros professores que reconhecem a importância do processo do resgate histórico local pelas crianças no movimento de conscientização e construção da cidadania.

O trabalho foi aprovado como parte importante da grade curricular, envolvendo intensamente professora e alunos. Esta professora utilizou

¹⁹ PROPOSTA CURRICULAR PARA O ENSINO DE HISTÓRIA - PRIMEIRO GRAU. São Paulo, SE/CENP, 1986 e 1992.

como termômetro de suas aulas o retorno dado pelas crianças: entusiasmo pelas descobertas e o prazer em aprender com espontaneidade e fruição.

ANEXOS

ANEXO 2



FOTO 1 - Maquete do quarteirão da escola.

ANEXO 3

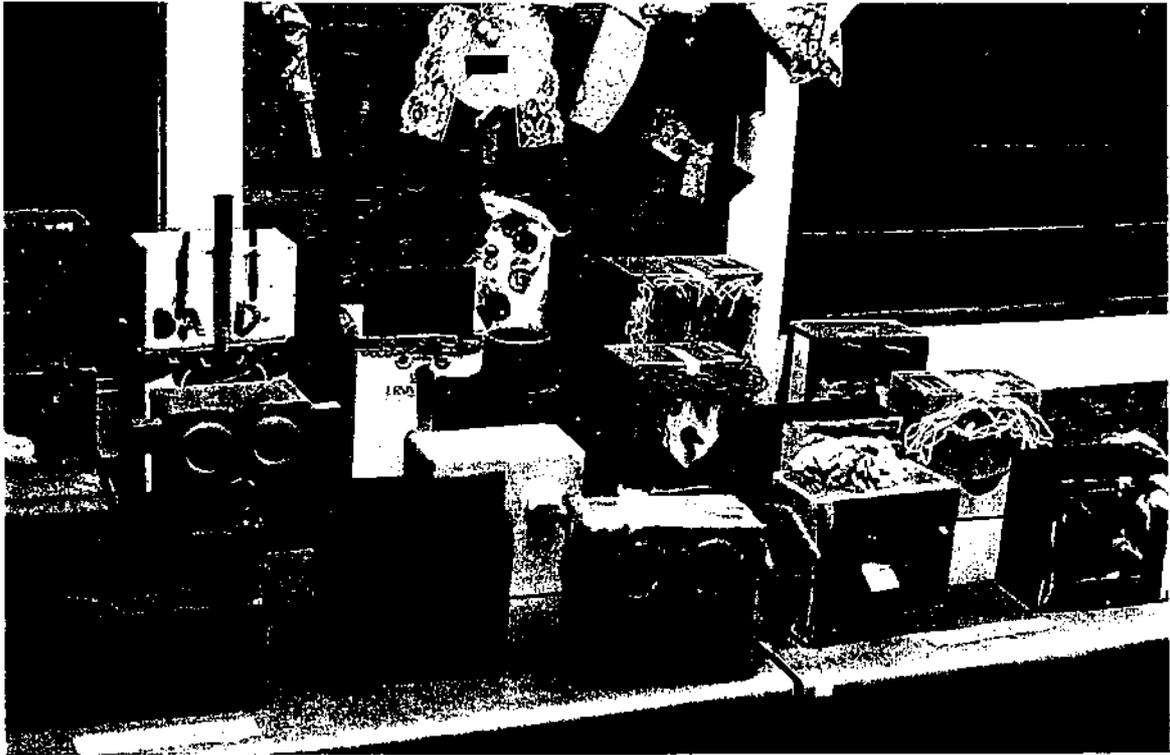


FOTO 2 - Os brinquedos feitos pelas crianças.

ANEXO 4



FOTO 3 - Os brinquedos de madeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 – Obras Citadas

ALVES, Rubem Azevedo. *A boneca de pano*. São Paulo: Loyola, 1997.

ANTUNES, Aracy do Rego. *Estudos Sociais: Teoria e Prática / Aracy do Rego Antunes, Heloísa Fesch Menandro, Tomoko Iyda Paganelli* – Rio de Janeiro, RJ: ACCESS Editora, 1993.

BARRETO, Margarita. *Vivendo a história de Campinas/ Margarita Barreto* - Campinas, São Paulo: Mercado de letras - Autores Associados, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro – Editora Nova Fronteira. 1986.

FLAVELL, John. *A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. / John Flavell; com um prefácio de Jean Piaget; tradução Maria Helena Souza Patto. 5ª edição. – São Paulo : Pioneira, 1996.

LUDKE, Menga . *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas./ Marli E. D. A. André*. São Paulo .EPU 1988.

MELHORAMENTOS mini dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

MEMÓRIA E IDENTIDADE SÓCIO-CULTURAL: O BAIRRO COMO FONTE DE PESQUISA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL. (Relatório CNPQ, 1997, ainda não publicado).

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF. 1997. 126p.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: história, geografia/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF. 1997. 166p.

PARK, Margareth Brandini. *Memória e cidadania: tecendo o cotidiano em creches e pré-escolas em Itupeva*. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.

PIAGET, Jean. *A noção de tempo na criança*. Tradução de Rubens Fuiza. Rio de Janeiro. Record, s/d.

_____. *Seis estudos de psicologia*. Tradução de Maria A. M. D'Amorim e Paulo S. I. Silva. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1985.

PROPOSTA CURRICULAR PARA O ENSINO DE HISTÓRIA - PRIMEIRO GRAU. São Paulo, SE/CENP, 1986 e 1992.

SALES, Geraldo Francisco e ORDOÑEZ, Marlene. *Campinas ,nosso município*. São Paulo, IBEP. s/d.

VON SIMSON, Olga. *Som e imagem na pesquisa qualitativa em ciências Sociais*. In *Anais do Seminário :Pedagogia da imagem, imagem na Pedagogia* – Niterói. R J. Universidade Federal Fluminense, 1995. – página 91. 260 páginas.

_____, *Imagem e Memória - Reflexões sobre a utilização conjugada de fotografias históricas e relatos orais como suportes empíricos da pesquisa histórico- sociológica*. XIX Encontro Anual da ANPOCS – 17 a 21 de outubro de 1995 – Caxambu/MG

SANTOS, Suzamara. *Lago do Café aumenta opções de lazer em Campinas*. Correio Popular . Campinas, 25 agosto 1991. P. 10.

TELESP – Lista Telefônica 141 – Janeiro de 1998. Listel – Listas Telefônicas, mapas nº 6 da página 33 e nº 9 da página 36.

THOMPSON, E. P., *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

2 – Obras Consultadas

GEBARA, Ademir. *Campinas - 1869/1875: republicanismo, imprensa e sociedade*. São Paulo, 1975.

LAPA, José R. do Amaral. *História de Campinas: tarefa para os próximos dez anos*. São Paulo, 1976.

_____. *A cidade: os cantos e os antros :Campinas*. ED USP – São Paulo. 1996. 360 p.

_____. *Primeiras notas para uma bibliografia da história de Campinas*. Marília, 1966.

MATOS, Odilon Nogueira. *Um pouco da história de Campinas*./ Maria , Lúcia S. R. Ricci. PUC. São Paulo .1985.

PUPO, Benedito Barbosa. *À margem da história de Campinas: as origens da cidade e a oficialização de sua fundação*. 2 ed. Campinas. 1976.

_____. *Campinas de ontem e hoje*. Campinas.

_____. *O consagrado campineiro: considerações em torno do gentílico de Campinas*. Palmeiras, 1981.

_____. *Oito bananas por um tostão: crônica campineiras*. Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo. Campinas - 1995.

_____. *Testemunhas do passado campineiro.* / Fúlvia Gonçalves. UNICAMP
São Paulo - 1986.

PUPO, Celso Maria de Mello. *Campinas, município no Império: fundação e
constituição, usos familiares, a morada, sesmarias, engenho e
fazendas.*